



UnB

Universidade De Brasília
Instituto De Ciências Humanas
Departamento De Filosofia

JEFERSON SCHOENSTATT CARVALHO ROCHA

**AS CRÍTICAS DE NIETZSCHE AO CRISTIANISMO NO TERCEIRO
PERÍODO DE SUA OBRA: REFLEXÕES SOBRE A NEGAÇÃO DA VIDA E A
CRIAÇÃO DE NOVOS VALORES.**

BRASÍLIA

2023



UnB

Universidade De Brasília
Instituto De Ciências Humanas
Departamento De Filosofia

JEFERSON SCHOENSTATT CARVALHO ROCHA

**AS CRÍTICAS DE NIETZSCHE AO CRISTIANISMO NO TERCEIRO
PERÍODO DE SUA OBRA: REFLEXÕES SOBRE A NEGAÇÃO DA VIDA E A
CRIAÇÃO DE NOVOS VALORES.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília (UnB) como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia. Orientador: Prof. Dr. Fernando Ribeiro de Moraes Barros.

BRASÍLIA

2023



UnB

Universidade De Brasília
Instituto De Ciências Humanas
Departamento De Filosofia

JEFERSON SCHOENSTATT CARVALHO ROCHA

**AS CRÍTICAS DE NIETZSCHE AO CRISTIANISMO NO TERCEIRO
PERÍODO DE SUA OBRA: REFLEXÕES SOBRE A NEGAÇÃO DA VIDA E A
CRIAÇÃO DE NOVOS VALORES.**

Prof. Dr. Fernando Ribeiro de Moraes Barros (Orientador)

Departamento de Filosofia/UnB

Prof. Dr. Fábio Mascarenhas Nolasco

Departamento de Filosofia/UnB

BRASÍLIA

2023

RESUMO

A presente monografia disserta sobre a intenção de Nietzsche em apadrinhar o surgimento de uma nova hierarquia de valores, em contraposição ao domínio civilizatório amplamente estabelecido pela moralidade cristã. Nietzsche sustenta que os valores ocidentais tradicionais perderam sua vigência e significado na modernidade, uma vez que se fundamentam em supostas ilusões e posicionamentos falsos acerca da natureza humana. Nesse contexto, reflete-se sobre quem são os possíveis responsáveis pelas distorções morais dos ensinamentos de Jesus de Nazaré, bem como as consequências físicas, psicológicas e mentais da doutrina considerada a manifestação máxima do ressentimento. Tudo isso ocorre enquanto consideram-se as diversas conjecturas acerca de uma deturpação das mensagens divinas pelos primeiros discípulos. Analisa-se a possibilidade de reproduzir uma vida pautada na figura original de Jesus de Nazaré, reconhecido por seus valores sublimes.

Palavras-chave: Jesus, Nietzsche, Ressentimento, Valores, Verdade, Vida.

ABSTRACT

This monograph discusses Nietzsche's intention to sponsor the emergence of a new hierarchy of values, as opposed to the civilizing predominance widely established by Christian morality. Nietzsche says that traditional Western values have lost their validity and meaning in modernity, since they are based on supposed illusions and false positions about human nature. In this context, it reflects on who are possibly responsible for the moral distortions of the teachings of Jesus of Nazareth, as well as the physical, psychological and mental consequences of the doctrine considered the maximum manifestation of resentment. All this takes place while considering the various conjectures about a misrepresentation of divine messages by the early disciples. The possibility of reproducing a life based on the original figure of Jesus of Nazareth, recognized for his sublime values, is analyzed.

Keywords: Jesus, Nietzsche, Values, Truth, Resentment.

RÉSUMÉ

Cette monographie traite de l'intention de Nietzsche de favoriser l'émergence d'une nouvelle hiérarchie des valeurs, par opposition à la prédominance civilisatrice largement établie par la morale chrétienne. Nietzsche soutient que les valeurs occidentales traditionnelles ont perdu leur validité et leur sens dans la modernité, car elles sont basées sur de supposées illusions et de fausses positions sur la nature humaine. Dans ce contexte, il réfléchit sur les possibles responsables des distorsions morales des enseignements de Jésus de Nazareth, ainsi que sur les conséquences physiques, psychologiques et mentales de la doctrine considérée comme la manifestation maximale du ressentiment. Tout cela a lieu en considérant les diverses conjectures sur une fausse représentation des messages divins par les premiers disciples. La possibilité de reproduire une vie basée sur la figure originelle de Jésus de Nazareth, reconnu pour ses valeurs sublimes, est analysée.

Mots clés: Jésus, Nietzsche, Valeurs, Vérité, Ressentiment.

ABREVIATURAS E SIGLAS

AC – Der Antichrist (O Anticristo).

GM – Zur Genealogie der Moral (Genealogia da Moral).

SUMÁRIO

1. CONTEXTUALIZAÇÃO DE <i>O ANTICRISTO</i> E TETRALOGIA.....	1
2. MÁ CONSCIÊNCIA.....	3
3. RELIGIÃO DO RESENTIMENTO E FRAQUEZA MORAL.....	6
4. FIGURA E DOMINAÇÃO SACERDOTAL.....	9
5. DEUS COMO PROJEÇÃO DE SUAS PRÓPRIAS CONDIÇÕES MATERIAIS	12
6. FIGURA DE PAULO.....	13
7. FUNÇÃO E VERDADEIRO SIGNIFICADO DO CRISTIANISMO.....	15
8. AFIRMAÇÃO DA EXISTÊNCIA E CRIAÇÃO DE NOVOS VALORES.....	18
9. CONCLUSÃO.....	19
REFERÊNCIAS.....	24

1. CONTEXTUALIZAÇÃO DE *O ANTICRISTO* E TETRALOGIA

Necessitamos de uma crítica dos valores morais, devemos começar por colocar em questão o próprio valor desses valores - para isto é necessário um conhecimento das condições e circunstâncias nas quais nasceram, sob as quais se desenvolveram e se modificaram.

(GM, Prólogo 6)

O Anticristo é uma crítica ao cristianismo e às suas ideias fundamentais. A obra de 1888 faz parte do período da transvaloração de todos os valores, conhecido como o período da maturidade nietzschiana, onde Nietzsche passa por uma profunda transformação em sua forma de pensar e de se expressar, deixando de lado seu característico estilo aforístico e se aprofundando acerca da noção de valor dos valores. Vale ressaltar que o período da maturidade nietzschiana pode ser considerado o momento mais expressivo e fecundo de sua produção intelectual. Durante o período, na década de 80, ele desenvolveu ideias que se tornaram fundamentais para a filosofia contemporânea, como a crítica à moralidade e à religião cristã, a defesa da “vontade de potência” e a reflexão sobre a condição humana e sua busca por sentido e valor. É apresentada uma filosofia que busca a afirmação da vida, a superação das limitações impostas pela moral e a religião, e a valorização da experiência humana em sua diversidade e pluralidade. O período da maturidade nietzschiana foi marcado também por uma crise de saúde que culminou em sua internação em uma clínica em 1889, onde passou os últimos anos de sua vida. No entanto, suas obras continuaram a influenciar profundamente a filosofia e a cultura em geral, consolidando-o como um dos pensadores mais importantes do seu século. Nesse contexto, foi elaborada a ideia de uma "tetralogia", que seria composta por quatro obras complementares que apresentariam uma visão abrangente da filosofia nietzschiana. As quatro obras planejadas eram:

Livro 1: O Anticristo. Ensaio de uma crítica do cristianismo.

Livro 2: O Espírito Livre. Crítica da filosofia como movimento niilista.

Livro 3: O Imoralista. Crítica da mais fatal espécie de ignorância, a moral.

Livro 4: Dioniso. Filosofia do eterno retorno.

Como se tem conhecimento, a tetralogia nietzschiana parou em seu primeiro livro, de modo que Nietzsche aponta *O Anticristo* como a junção da *Transvaloração de todos os valores*, e não somente o início. A intenção de Nietzsche, como já dizia o filósofo, é apadrinhar o surgimento de uma nova escala de valores, estando em oposição ao domínio civilizatório que se tornou quase que unânime através da moralidade cristã e teríamos, com esse surgimento, um novo tipo cultural de ser humano e a superação do homem moderno. É colocada uma tarefa de reconstrução, um movimento realmente transvalorador, que pretende “entender o que dezenove séculos mal entenderam” (AC § 36). Nietzsche irá trazer o cristianismo para novos refletores, onde o próprio diz que “resulta compreensível tão-somente a partir do terreno do qual brotou” (AC § 24). Ora, se ele não busca apenas questionar o cristianismo enquanto doutrina religiosa (mas também como força cultural e continuação ética e social), é justamente porque tem a noção de que o resultado de suas ações só terá eficácia quando o cristianismo for alvo enquanto fenômeno moral (BARROS, 2002: 35).

Por essa razão, Nietzsche se propõe a mostrar que tudo o que tem algum valor não o tem por si, em si ou por sua própria “natureza”. Os valores são, antes, criações humanas (BARROS, 2002: 36). A partir de críticas e reflexões do filósofo, chegamos à noção de que foi mesmo o homem quem deu sentido às coisas. Na *Genealogia da Moral*, Nietzsche propõe uma investigação sobre a procedência dos valores morais da sociedade ocidental, argumentando que os valores morais não são universais e imutáveis, mas sim criados pelo homem e sujeitos a mudanças históricas e culturais. Para ele, a moralidade ocidental surgiu a partir de uma transvaloração dos valores antigos, que eram baseados na força e no poder. Ele sugere que os valores morais como bondade, humildade e altruísmo foram inicialmente considerados fracos e inferiores pelos antigos nobres, que valorizavam a coragem, a força e a dominação. No entanto, com a ascensão do cristianismo, a moralidade baseada na fraqueza e na submissão começou a se espalhar e se tornar dominante. Nietzsche afirma que a moralidade é uma forma de controle social usada pelas pessoas que detêm o poder para subjugar os mais fracos.

Em suma, a *Genealogia da Moral* argumenta que os valores morais da sociedade ocidental são resultado de um processo histórico e cultural, e que esses valores servem

como uma forma de controle social e poder. E aqui podemos pensar e fazer a relação de que tanto a *Genealogia da Moral* quanto *O Anticristo* estão conectados em Nietzsche em sua crítica à moralidade cristã. Na *Genealogia da Moral*, são examinadas a história e a psicologia da origem da moralidade ocidental, mostrando que ela surgiu da repressão dos instintos humanos e do surgimento da consciência e do livre-arbítrio.

Creio que jamais houve na terra um tal sentimento de desgraça, um mal estar tão plúmbeo - e além disso os velhos instintos não cessaram repentinamente de fazer suas exigências! Mas era difícil, raramente possível, lhes dar satisfação: no essencial tiveram de buscar gratificações novas e, digamos, subterrâneas. Todos os instintos que não se descarregam para fora voltam-se para dentro - isto é o que chamo de interiorização do homem: é assim que no homem cresce o que depois se denomina sua "alma". (GM 2 § 16)

Nietzsche censura a moralidade cristã – que considera a piedade, a humildade e a compaixão como virtudes – por acreditar que é uma forma de controle que se impõe por meio da culpa e da auto repressão. Já em *O Anticristo*, ele dirige uma crítica ainda mais direta à moralidade cristã, afirmando que ela é um tipo de decadência e de negação da vida.

2. MÁ CONSCIÊNCIA

Na *Genealogia da Moral*, Nietzsche descreve a má consciência como a profunda doença que o homem teve de contrair sob a pressão da mais radical das mudanças que viveu – a mudança que sobreveio quando ele se viu definitivamente encerrado no âmbito da sociedade e da paz (NIETZSCHE, 2009: §16). De acordo com o filósofo, a moralidade não surge de uma origem transcendental ou divina, mas é criada pelos seres humanos em resposta às condições da existência. Ele acredita que a moralidade nasce da necessidade de estabelecer regras e valores que possam garantir a sobrevivência e a prosperidade da comunidade, e é a partir da vontade de potência que temos a força fundamental que impulsiona a vida e a origem da moralidade. Ele argumenta em suas obras que os seres humanos são movidos pelo desejo de afirmar sua vontade, de conquistar e dominar o

mundo ao seu redor, e que a moralidade é uma forma de canalizar e direcionar essa vontade de potência para o benefício da comunidade. Dentre os possíveis desvios morais, temos a má consciência como um dos pilares negativos, já que o filósofo possui a hipótese de que a má consciência é uma profunda doença que o homem contraiu.

Todo o difícil processo de desenvolvimento de um indivíduo que legisla e cria valores se definiu quando a cultura criou para si o homem dependente e sem forças. O homem passa em vez de afirmar-se pela diferença, afirmar-se pela igualdade que existe em si e no outro. Dessa maneira, ele se torna incapaz de se situar com as forças que o constituem e passa a agir em conformidade com as leis, regras, valores e ordens que estão acima dele. O sentimento é de que qualquer diferença pode ameaçar a base do que lhe torna igual, e por isso nega tudo que o diferencia. Assim, a doença vem porque o homem não consegue exercer suas vontades. É um apequenamento moral, um rebaixamento potencial dos instintos, onde a crueldade é internalizada e a pessoa aplica a violência para dentro de si mesma. A sociedade, então, é feita de homens doentes e atemorizados.

Podemos nos guiar a partir do olhar fisiopsicológico¹ desenvolvido por Nietzsche e entender que, para ele, a civilização se exprime e se capitaliza fundamentalmente enquanto um fenômeno de *décadence*.

*"O que destrói mais rapidamente do que trabalhar, pensar, sentir sem necessidade interna, sem uma eleição profundamente pessoal, sem prazer, como um autômato do 'dever'? É essa precisamente a receita da *décadence*."
(AC § 11)*

Na *décadence*, o homem não valoriza mais seus impulsos, renega seu passado de disputa e esquece o conceito de autenticidade que o habitava. Os instintos se dispersam e não há uma unidade organizadora. É a anarquia dos impulsos, onde o organismo perde a

¹ A fisiologia nesse contexto tem um sentido propriamente nietzschiano. O filósofo atribui uma grande importância à fisiologia na compreensão do ser humano e de sua existência. Segundo ele, a fisiologia é uma ferramenta fundamental para desvendar os instintos, impulsos e desejos que motivam o comportamento humano. Ele defende que a mente e a consciência são produtos do corpo e que as ações humanas são determinadas por forças físicas e biológicas (tendo aqui uma mistura de biologia e cultura). Assim, Nietzsche busca explorar como os valores morais e culturais são moldados por fatores fisiológicos, argumentando que a moralidade surge de uma avaliação subjetiva dos instintos e necessidades humanas.

capacidade de dar uma direção em um trabalho conjunto dos instintos em uma dispersão instintual. Assim, o organismo perde o centro, não existindo um afeto tônico.

A moralidade do costume, que deveria direcionar à individualidade imponente, acaba por recair diante de um homem fraco, acuado e ressentido. Assim encontramos a origem da má consciência: uma força que é privada de se manifestar. Isso também significa, segundo Barros, que tal fenômeno é entendido mais propriamente como uma espécie de processo, ou mais precisamente, como um processo que busca se aproximar o máximo possível daquilo que é capaz de agravar o desequilíbrio instintual. Essa ideia é fundamental porque serve para elucidar o papel funcional desempenhado pela *décadence* junto à moralidade cristã. Afinal, é a partir desse acontecimento radical que o padre ascético elabora sua mais potente e insidiosa estratégia. Com ele, é levado a efeito o trabalho que visa a radicalizar o esgotamento vital, quer dizer, que pretende colocar os instintos a serviço da própria doença. Para Nietzsche, "a *décadence* não é mais que um meio: essa espécie de homem tem um interesse vital em tornar a humanidade doente" (AC § 24).

Nietzsche nos traz as convenções culturais, históricas e religiosas como as que direcionam os impulsos mais instintivos e verdadeiros do homem a rebelarem-se contra ele mesmo; uma vontade de potência barrada de encontrar a saída desta prisão. O que encontramos no fim é a sensação de desconforto, condição que desgasta o ser humano e faz com que ele, preso em seu cativeiro, procure meios frustrados de saciar-se. E o próprio filósofo reconhece que a ele mesmo se aplica o conceito de *décadence*, para se referir aos anos que esteve mais doente, como escreve em carta a seu grande amigo:

*“A história das minhas primaveras, desde pelo menos 15 anos atrás, foi uma história horrível, uma fatalidade de *décadence* e fraqueza. Os lugares não faziam nenhuma diferença; era como se nenhuma receita, dieta ou clima pudesse mudar o caráter essencialmente depressivo dessa estação.” (Carta a G. Brandes, de 23 de maio de 1888; trad. Clademir Luís Araldi)*

Nietzsche sabia que a *décadence* natural era algo arraigado enquanto sociedade, mas não escondia sua posição quanto à condição: “E para não deixar nenhuma dúvida a respeito do que eu desprezo, de quem eu desprezo: é o homem de hoje, o homem do qual sou fatalmente contemporâneo” (AC § 48). O filósofo queria estar com a realização de

seus próprios valores além da sua época, por mais difícil (e magnética) que fosse a situação decadente.

No pensamento nietzschiano há uma distinção entre a *décadence* fisiológica e cultural. Ambos os conceitos estão inter-relacionados, mas referem-se a aspectos diferentes da deterioração da vida humana. A *décadence* fisiológica, para Nietzsche, diz respeito ao enfraquecimento dos instintos vitais e à deterioração das forças biológicas que impulsionam a vida. Ele acredita que a civilização moderna, com seus valores morais e culturais, tem um impacto negativo na vitalidade e no florescimento do ser humano. Assim, o processo civilizacional resulta em um enfraquecimento dos instintos naturais, tornando os indivíduos mais passivos, fracos e dependentes. Já a *décadence* cultural refere-se à deterioração dos valores, ideais e formas de vida em uma sociedade. Nietzsche critica a cultura ocidental moderna por sua tendência ao niilismo, à moralidade de rebanho e à negação da vida em favor de ideais abstratos e transcendentos (veremos nos próximos capítulos deste trabalho). Ele considera que a cultura contemporânea está em declínio, pois valoriza a conformidade, a mediocridade e a uniformidade, em vez de promover a autenticidade, a criatividade e a excelência individual.

O problema é quando uma cultura escolhe a *décadence* como um modo de ser, acaba por se tornar uma cultura doente que escolheu a desagregação como um modo de vida e toda a cultura vira decadente. Com essa mudança, temos a imposição da culpa e da auto repressão, fatores que o cristianismo historicamente vai aproveitar, segundo Nietzsche.

3. RELIGIÃO DO RESSENTIMENTO E FRAQUEZA MORAL

Julgo ser muito importante abordarmos o cristianismo com o pensamento de que Nietzsche realiza uma análise psicológica em vez de histórica ao examinar a figura de Jesus de Nazaré. O filósofo sustenta que Jesus de Nazaré não tem nada relacionado ao conceito de “ressentimento”, que é um sentimento negativo que emerge quando alguém se sente inferiorizado ou oprimido por alguém que considera superior. Em vez de buscar a superação ou afirmação de si mesmo, a pessoa ressentida se volta contra aquele que considera superior, criando uma moral que valoriza a submissão e a renúncia como

virtudes. Jesus de Nazaré teria carregado mensagens de amor, compaixão e igualdade, que contrastava com os valores dominantes da sociedade. E é justamente neste ponto que Nietzsche percebe que há uma inversão pelo que é pregado pelo cristianismo: Jesus de Nazaré já não tinha relação com a figura de Jesus amplamente repassada pelo cristianismo – veremos os principais agentes nos próximos capítulos. A figura cristã de Jesus (Jesus Cristo) é apontada por Nietzsche como a expressão máxima do ressentimento, pois ela pregava a humildade e a submissão como virtudes, valorizando a fraqueza em detrimento da força e da afirmação de si mesmo.

Para o filósofo, então, Jesus Cristo seria um exemplo de “escravo” que por meio de sua mensagem de amor e submissão, acabava dominando outras pessoas. Assim, ao pensarmos em qual moral Jesus Cristo se enquadra, devemos ter em mente que para Nietzsche, ele é uma criação cultural e histórica da imaginação humana, e não um personagem histórico real. Poderíamos até arriscar que o filósofo desenvolve uma crítica que é mais uma rejeição à moralidade cristã como um todo, do que uma análise histórica precisa da figura de Jesus de Nazaré, já que na *Genealogia da Moral* o filósofo menciona a figura histórica de Jesus como uma das fontes da moral ocidental, mas sua análise também é mais filosófica do que histórica. A questão é que Nietzsche não acredita que a figura de Jesus Cristo esteja totalmente alinhada com sua própria visão de mundo. E se de fato a mensagem de Jesus se baseia em valores que são contrários à vida e à individualidade, a moralidade cristã pode ser uma forma de negação da vida e da vontade de potência.

Essencialmente, os escritos de Nietzsche estão voltados com suas duríssimas críticas à modernidade, já interpretando esta civilização como decadente, vazia de ambições e niilista (com a ausência de um sentido) por excelência. Para o filósofo, esta cultura moderna teria sido delineada pelo conjunto de valores do cristianismo. Daqui temos um dos focos primordiais da transvaloração dos valores de Nietzsche, que almeja estabelecer a crítica genealógica da decadência moderno-cristã a qual temos uma variedade de crises de valores cujo processo resulta nesta má consciência. Para ele, esse movimento crítico genealógico criminalará os valores cristãos como bases ascéticas do desprendimento e da negação do próprio ser, das ambições e da vida.

Além disso, temos o apontamento de Nietzsche ao cristianismo como a religião do ressentimento, cultura que os valores da psicologia escrava (explicação a seguir) na moralidade dominam o ser. E justamente esta força genealógica que Nietzsche faz nos

possibilitará ainda alcançar uma figura de Jesus de Nazaré como primordialmente antagonico ao cristianismo pregado. O reinado dos céus, na autenticidade histórica, foi o reinado do padre, figura sacerdotal que no pão e vinho doutrina e molda toda uma tendência cultural, como uma maneira de agir, pensar e olhar para si mesmo e para as coisas; o modo de se sentir ressentido, culpado, da fraqueza, do pecado, do ascetismo e de todos os modos possíveis de serem mensurados em relação à alienação. De uma maneira geral, quando Nietzsche aponta que o cristianismo acaba por ser a religião do ressentimento, temos um direcionamento para o pensamento de que a moral cristã seja a moral do ressentimento. Para ele, o ressentimento é um ódio que revela a impotência do ser humano, onde as pessoas fracas a esboçam perante os fortes.

Através de um trecho do *Apocalipse*, embora não seja citado em *O Anticristo*, fica explícita a questão que Nietzsche quer passar sobre a moral ser oriunda do ressentimento enquanto manifestação de ódio contra os valores. Para ele, o cristianismo foi deturpado logo em seus primeiros momentos, de modo que já houvesse uma discrepância entre Jesus de Nazaré e seus discípulos, onde na escrita da Bíblia, os próprios ensinamentos de Jesus já fossem desviados. Encontramos disponível no livro da Bíblia:

9. Então o Cordeiro quebrou o quinto selo. E vi debaixo do altar as almas dos que tinham sido mortos porque haviam anunciado a mensagem de Deus e tinham sido fiéis no seu testemunho.

10. Eles gritavam com voz bem forte: (abre aspas) "— Ó Todo-Poderoso, santo e verdadeiro! Quando julgarás e condenarás os que na terra nos mataram?" (fecha aspas)

11. Cada um deles recebeu uma roupa branca. E foi dito a eles que descansassem um pouco mais, até que se completasse o número dos seus companheiros no trabalho de Cristo, que eram seus irmãos e que iam ser mortos como eles tinham sido. (Apocalipse 6:9-12)

Desse modo, percebemos que as almas do céu, diante do trono de Deus, estariam preocupadas com a vingança daqueles que ainda estariam na Terra, em uma situação inferior às almas (levando em consideração que o céu é melhor que a Terra), quando, na verdade, seria esperado outra atitude das pessoas que foram contempladas com a presença no céu. O fato é que a partir deste ponto, conseguiríamos imaginar o que Nietzsche define

como manifestação de um ódio impotente, sendo a expressão do ressentimento cristão e elucidando o que passava na cabeça daqueles que escreviam o novo testamento. Portanto, é necessária a atitude de questionar a ordem moral estabelecida pelo cristianismo de cunho paulino e denunciar toda desafeição de valores que ele acarreta: “A Igreja cristã não deixou de tocar nada com a sua corrupção, fez de todo valor um não-valor” (AC § 62).

Muitos ainda pensam que se não houvesse Deus, a vida seria intolerável. Assim, é necessário que haja um Deus ou que a existência tenha algum significado moral. O que ocorre é que quem se acostumou com essa ideia não pode viver sem ela. Para Nietzsche, vivemos enganando-nos, escondendo nossos instintos que aparecem racionalizados e afirmando nossas crenças como uma forma de autoafirmação e autodomínio (ESTRADA, 2003: 177). Em relação à psicologia escrava, Nietzsche analisa a sociedade desde a origem dos valores humanos, com seus desenvolvimentos e objetivos, e chega à conclusão de que o homem se tornou um escravo de seus próprios valores morais. Ora, se falar da origem dos valores humanos é falar da origem dos valores de um animal dócil, a questão passa a ser de onde surge a moral e quem a comanda. O filósofo acreditava que a moral era uma máquina construída pelos senhores para dominar os escravos, e por isso tínhamos a moral dos senhores e a moral dos escravos. A moral dos senhores valorizava a força, a alegria e a saúde. Já a moral dos escravos valorizava a fraqueza, os malsucedidos e os ressentidos. Até então, os senhores definiam o que é bom e os valores de uma sociedade, e por isso conseguimos fazer facilmente a substituição da figura dos senhores pela figura de padres e sacerdotes no contexto nietzschiano. A moralidade dos escravos é, portanto, uma moralidade de rebanho, pois suas avaliações morais são expressões das necessidades – ligadas ao conceito de ressentimento – de um rebanho.

4. FIGURA E DOMINAÇÃO SACERDOTAL

“... homens ambiciosos, grandes gênios, políticos importantes, nascidos em séculos diferentes, em diversas regiões, tiraram partido da credulidade dos povos, anunciaram deuses, em geral estranhos, fantasiosos, tiranos, estabeleceram cultos, começaram a formar sociedades das quais pudessem se tornar os chefes, os legisladores. Eles reconheceram que, para manter essas sociedades, era necessário que cada um de seus membros, em geral,

sacrificasse as suas paixões, os seus prazeres particulares para a felicidade dos outros. Daí a necessidade de fazer considerar um equivalente de recompensas a serem esperadas e penas a serem temidas que determinassem a execução desses sacrifícios". (Teresa Filósofa, Anônimo do século XVIII)

É muito interessante ver em *O Anticristo* como é a forma com que Nietzsche questiona a figura do sacerdote, que acaba por ser um termo “guarda-chuva”, abrangendo uma variedade de cargos eclesiásticos e determinações na religião cristã. Segundo Nietzsche, os sacerdotes e os teólogos são aqueles que sistematizam, teoricamente, a religião. Inclusive, ele ainda afirma que seu livro é uma batalha contra os teólogos, tendo em vista que eles invertem os valores da vida: aclamando o que a fere e falsificando o que a eleva. Desta forma, seriam um critério de valores: o que dizem ser verdadeiro, deve ser falso; o que dizem ser falso, deve ser verdadeiro. O sacerdote, para Nietzsche, organizou a sociedade de tal maneira que ela não conseguiria prosseguir sem a presença dele, se tornando uma relação de total dependência (o que para ele foi uma vitória sacerdotal). A lógica sacerdotal adquiriu hegemonia política e ética. Com isso, o sacerdotismo ganhou força, não sendo uma mera questão eclesiástica. Na idealização aclamada pelo cristianismo, o sacerdote presencia os grandes eventos naturais da vida (como o nascimento, o casamento, a doença e a morte) para santificá-los, enquanto para Nietzsche, o sacerdote apenas os torna imprestáveis e desnaturalizados, já que ele deprecia a natureza. Assim, o filósofo evidencia que o pecado não é a desobediência a Deus, mas ao sacerdote, que foi o criador do pecado:

“Repito que o pecado, essa autoprofanação par excellence, foi inventado para tornar impossível ao homem a ciência, a cultura, toda a elevação e todo o enobrecimento; o padre reina graças à invenção do pecado.” (NIETZSCHE, 2003: 45)

Promover o declínio equivale, em última análise, a gerenciar de modo eficaz a domesticação do animal homem, já que o tornar-doente consiste, aqui, no principal recurso para enfraquecê-lo e domá-lo, ou, melhor ainda, para civilizá-lo. Desta sorte, sob o auxílio de um plano de debilitação contínua, o padre ascético viabiliza o êxito de sua empreitada, quer dizer, intensificando as moléstias que ele mesmo engendra (BARROS,

2002: 92). Além destas acusações aos sacerdotes, é comum encontrarmos em *O Anticristo*, de uma forma pejorativa, diversos adjetivos atribuídos à casta sacerdotal, bem como: “covardes, velhacos, ignóbeis, parasitas, vampiros e sanguessugas pálidas e subterrâneas” (NIETZSCHE, 2003: 45); e também: “negadores, caluniadores e envenenadores da vida por profissão” (NIETZSCHE, 2003: 8). Para Nietzsche, a classe sacerdotal utiliza de suas santas ideias sedentas para sugar todo o sangue, amor e esperança da vida, de tal maneira que isso se tornou o símbolo do cristianismo: a cruz, sendo a marca da maior conspiração que já se ouviu na Terra. Um bom ponto de reflexão se dá na relação contratual do Deus que se sacrifica: talvez nunca teremos como ressarcir o credor porque ele se paga – seremos eternamente devedores justamente porque Deus se sacrifica por nós. O ascetismo se oferece como uma resposta do sofrimento, mas isso tem uma implicação para Nietzsche: o ressentimento enseca a energia do ser humano através da culpa. Nesta lógica predatória, o ser humano se consome e se rebaixa moralmente, se deprimindo e adoecendo sua potência.

A referência à história ainda se faz presente quando Nietzsche se questiona sobre as consequências da degradação de nossas representações ou de velhas crenças. Ele faz uma reflexão sobre a figura do personagem sacerdotal, mais conhecido como padre: é um personagem que fixa metas ilusórias para seus fiéis e define um sentido para a vida, sendo difícil entender a história ocidental sem suas influências. Diante da dominação sacerdotal, a posição nietzschiana é de que o ideal ascético (com o qual o padre se identifica), era o ideal dominante por “falta de coisa melhor”. Nietzsche reitera que o padre é considerado sábio, mas não se autodenomina assim. Ele usa sua fama para se situar como um mestre tão próximo do povo que consegue fazer as pessoas esquecerem essa maestria. Na realidade, o padre é só um mestre de aparência, prisioneiro da vontade de salvação que trabalha nele. O padre direciona às pessoas a busca por uma ilha de segurança, garantindo abrigo dos mares incertos. Porém, a ilha das palavras que dão um descanso ilusório é uma prisão, sendo apenas as costas de um monstro adormecido, que de repente salta e engole quem, de forma errônea, depositou sua confiança nela² (VALADIER, 1974: 209). O

² Para curar, ele deve primeiro ferir, visto que a religião do perdão só faz sentido para os pecadores. O padre faz isso quando “altera a direção do ressentimento”. Todos nós buscamos uma explicação para o nosso sofrimento. O ressentimento busca um “agente culpado”, aquele que é mau e merece ser punido (porque mesmo que eu não tenha o poder de punir, há satisfação em saber que meu inimigo o merece). Logo, toda ovelha doente pensa que sofre e alguém deve ser o culpado por isso. Mas seu pastor, o sacerdote asceta, lhe diz: “é isso mesmo, minhas ovelhas! Alguém deve ser o culpado por isso, mas esse alguém é você.” (WESTPHAL, 1998: 242)

sacerdote, então, para Nietzsche, não seria um homem nu: ele permanece sempre protegido por roupas e, mais ainda, por roupas escuras que escondem um cadáver em vez de um corpo (VALADIER, 1974: 210). Fundamentalmente doente e ávido de medicamentos para o seu estado enfermo, o homem amansado termina por fazer do padre asceta o seu próprio enfermo, e, no entanto, mal presente que se transformou, desde então, em alguém que não se pertence, num instrumento, num animal de rebanho, ou seja, num decadente (BARROS, 2002: 94). Diante da ordem que lhe é imposta pelos manipuladores, o homem “deve sofrer de tal modo que a todo instante tenha necessidade do sacerdote” (AC § 49). Sendo incapaz de atribuir a si mesmo um papel próprio de controle de seus próprios instintos, ele precisa, em última análise, de alguém que o conduza e lhe diga o que fazer. Eis, pois, o que poderia caracterizar com propriedade o decadente: a incapacidade de fazer frente às atribuições por conta própria.

5. DEUS COMO PROJEÇÃO DE SUAS PRÓPRIAS CONDIÇÕES MATERIAIS

Certamente, um ponto que desperta interesse encontrado em *O Anticristo* é o de Deus como projeção que um povo faz de suas próprias condições materiais. Ao olhar para o povo de Israel, por exemplo, podemos observar que ao entrarem em Canaã, fazer frente aos moradores e matá-los - inclusive mulheres e crianças -, tomaram posse daquele local e isso foi refletido no texto bíblico como uma ordem divina. Porém, séculos mais tarde, quando esse mesmo povo judeu foi escravizado no cativeiro babilônico, Deus se tornou passivo, calmo e totalmente diferente daquele que ordenava a guerra. Por conseguinte, Nietzsche faz a observação de que o Deus capaz de causar o bem e o mal se tornou unicamente bom e sereno, de modo que a concepção de Deus foi se alterando de acordo com os próprios valores do povo e suas condições materiais. Ao fazermos a passagem ao cristianismo, vamos nos deparar com um Deus cosmopolita, onde ele não é apenas Deus de um povo, mas de todo mundo.

É importante nos atentarmos ao fato de que, para Nietzsche, o cristianismo surge de um solo falso, dando continuidade às mentiras e inversões de valores. Deste modo, ele acredita que os primeiros cristãos não captaram bem a ideia de Jesus de Nazaré, que acabaram a distorcendo na Bíblia e na Igreja ao passar dos séculos. É comum, em

Nietzsche, encontrarmos apostas arriscadas sobre uma possível distinção entre Jesus e seus primeiros discípulos, de modo que o filósofo entendia que os discípulos acrescentavam palavras e ideias a Jesus (que não teria dito nenhuma delas), sendo reflexo da moral do ressentimento já presente entre os primeiros cristãos. Portanto, Deus é o reflexo da vontade de potência de cada povo: tudo o que ele superou e venceu. Inclusive, Nietzsche cita esses trechos e os comenta:

“E tantos quantos vos não receberem, nem vos ouvirem, saindo dali, sacudi o pó que estiver debaixo dos vossos pés, em testemunho contra eles. Em verdade vos digo que haverá mais tolerância no dia do juízo para Sodoma e Gomorra, do que para os daquela cidade” (Marcos, 6:11). – Quão evangélico!

E, se o teu olho te escandalizar, lança-o fora; melhor é para ti entrares no reino de Deus com um só olho do que, tendo dois olhos, seres lançado no fogo do inferno, onde o seu bicho não morre, e o fogo nunca se apaga” (Marcos, 9:47-48). – Não é exatamente do olho que se trata...

Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, e tome a sua cruz, e siga-me. Porque...” (Nota de um psicólogo: a moral cristã é refutada pelos seus porquês: suas razões a contrariam – isso a faz cristã) (Marcos, 8:34).

Pois, se amardes os que vos amam, que galardão tereis? Não fazem os publicanos também o mesmo? E, se saudardes unicamente os vossos irmãos, que fazeis de mais? Não fazem os publicanos também assim?” (Mateus 5:46-47). – Princípio do “amor cristão”: no fim das contas quer ser bempago...

Folgai nesse dia, exultai; porque eis que é grande o vosso galardão no céu, pois assim faziam os seus pais aos profetas” (Lucas 6:23). – Canalha indecente! Já se compara aos profetas...” (NIETZSCHE, 2009: 40-41)

6. FIGURA DE PAULO

“Eis porque o Paulo presente em O Anticristo não representa, em absoluto, o probo "evangelista" cuja missão era revelar a justiça divina por árduas travessias de extensos e tempestuosos mares, mas o pivô de uma contrafação histórico-mundial.” (AC § 42)

Nietzsche nos apresenta a ideia de que o Jesus que aparece no livro sagrado pode não ser o homem que veio de circunstâncias distintas e que prometeu a vinda do reino de Deus para os que acolhessem e seguissem seus mandamentos, mas um homem essencialmente atópico que fora cruelmente martirizado. O próprio filósofo traz em sua obra uma forte declaração sobre os ideais cristãos: “no fundo não existiu mais que um cristão, e esse morreu na cruz. O 'evangelho' morreu na cruz" (AC § 39). Vislumbra-se aí, portanto não um furor gratuito contra a mais famosa figura do arcabouço cristão, mas um contradiscurso que vê na leitura teológica uma falsa interpretação e que sabe, por assim dizer, que um tal desvirtuamento constitui a espinha dorsal das coordenadas axiológicas do Ocidente.

[...] A de que a interpretação cristã do existir ocupa um lugar específico dentro da história da moral e que não foi Jesus que se tornou imprescindível para o cristianismo, mas sua imagem desfigurada pela "cristandade". [...] Para tanto, caberá trazer à plena luz a distinção entre as duas grandes óticas valorativas que, de acordo com a genealogia nietzschiana, permearam ou permeiam o âmbito humano e, ao mesmo tempo, ouvir da boca do filósofo alemão em qual delas a maneira cristã de valorar deita suas raízes. Revelar-se-á, assim, que o cristianismo de cunho paulino sobrecarregou a vida de Jesus de traços que lhe eram irremediavelmente estranhos e que tal falsificação acabou por desfigurar a "unidade original" de sua práxis. Objetivo: transformá-lo no salvador da humanidade, ou, como será evidenciado, num meio hábil para que a primeira comunidade cristã pudesse envolver a humanidade toda em sua trama - e não apenas a humanidade judaica. (BARROS, 2002: 27)

Desta maneira, ao chegarmos no cristianismo como esta possível grande escamoteação, temos o apontamento de Nietzsche para Paulo como o “portador da má notícia”, tornando-o o grande inaugurador de uma obra histórico-mundial que desentendeu tudo aquilo que o “evangelista” queria (BARROS, 2002: 52). Assim, Paulo começa a ser chamado de apóstolo e chama Deus de “sua própria vontade” (AC § 47), fazendo cogitarmos que Jesus de Nazaré tenha sofrido uma revolta assassina paulina que deu lugar a uma grande forma de anular tudo aquilo que ele tenha feito durante sua vida. Nietzsche acredita que não foi Jesus que se tornou importante para o cristianismo, mas as

deturpações que foram feitas a partir da sua imagem, muito graças a Paulo e depois à Reforma. Conclui o filósofo, então, que Jesus não é gênio nem herói (BARROS, 2002: 62). Decerto, ele quer nos mostrar que Jesus deixou apenas a doutrina de sua própria vida para nós. Não era um pregador da moral, muito menos um ditador dela, ensinou os homens como se deve viver e essa foi a prática deixada para a humanidade. “E por isso podemos chamar Jesus de ‘espírito livre’, já que nenhuma coisa fixa lhe importa; a palavra mata, tudo o que é fixo mata” (AC § 32). Em suma, Nietzsche vê na figura de Jesus uma inversão radical dos valores de sua época, que priorizavam a ambição, a busca por prazeres e a dominação.

"Não se deve confundir o cristianismo com esta única raiz que seu nome evoca: as outras raízes das quais ele descende foram muito mais fortes, muito mais importantes que sua semente; é por um abuso sem igual que essas abomináveis monstruosidades e resíduos de declínio, que se nomeiam 'igreja cristã', 'fé cristã', 'vida cristã', surgem junto a esse nome santo. O que Cristo negou? - Tudo aquilo que hoje se chama cristão." (Fragmentos póstumos - XIII 16 [87], primavera/verão de 1888)

7. FUNÇÃO E VERDADEIRO SIGNIFICADO DO CRISTIANISMO

A função da religião pode ser localizada exatamente em relação à doença. Vale ressaltar que a religião não cria a doença humana. Portanto, não é porque o homem é religioso que está doente, é porque ele está doente que buscará na religião os meios para consolar sua doença. O equívoco está onde ele pensa que encontrará a salvação, onde na verdade ele encontra apenas um agravamento do mal. Colocar em questão as supremas estimativas de valor apregoadas pelo cristianismo equivale a questionar o próprio modelo axiológico que se tornou fundamental para o encaminhamento do ideal civilizador e para a formação do homem “civilizado” (BARROS, 2002: 15). A religião encontra sua força no medo, mas esse medo surge do homem diante de si mesmo e da sua incapacidade de se afirmar. Além disso, os sacerdotes aparecem mais preocupados em fornecer leis morais até mesmo para o comportamento físico (castidade, jejum e disciplina dos sentidos) do que em legislar sobre o cosmos. O exercício do poder sacerdotal combina dois poderes: o do médico e o do teólogo. O sacerdote pretende curar o doente recorrendo a uma

explicação teológica, e a teologia é uma profilaxia que se desenvolve de forma imensa (VALADIER, 1974: 237). O homem vive sua existência com sofrimento, sem conseguir compreender o porquê disso tudo. Afinal, com quem o paciente pode encontrar a satisfação da angústia? Certamente com um paciente idêntico a ele, mas que “sabe” dar as razões do mal: assim é o sacerdote.

Nesse sentido, o crente não tem força para empreender caminhos lentos e difíceis, acaba sempre buscando caminhos mais curtos. A razão de sua recusa em entrar nos caminhos labirínticos da verdade provém do fato de que, considerando-se bom e superior para este mundo, não é deste próprio que se possa esperar revelação – acredita-se na existência de um paraíso superior. A essência da doença se situa exatamente na recusa de ver o mundo em sua complexidade, já que nada se espera desse mundo e o crente não desejaria nada de um mundo que o contradiz.

No fundo, é "cristão" todo aquele que leva adiante o ideal que outorga ao valor humano substituir os determinantes da natureza por construtos fictícios e que cria, dessa forma, outros meios para os esgotados se protegerem reciprocamente. (BARROS, 2002: 50)

Além disso, o raciocínio nietzschiano nos permite refletir sobre essa falsa superioridade cristã: uma embriaguez do homem que se considera superior ao mundo e que o leva a se opor a todas as coisas. O paciente, portanto, se considera bom demais para um mundo que o machuca, e não é estranho que ele proclame "meu reino não é deste mundo". Afinal, se o crente sofre, é porque o mundo, o devir ou o destino é pernicioso. Ele julga o mundo e, obviamente, acha tudo isso muito cruel para ele. Portanto, o mundo é imperfeito porque o crente não consegue reconhecer-se preso a ele; ele acaba buscando em sua doutrina alguma verdade mais elevada, algum princípio mais certo e mais absoluto do que o conhecimento humano pode fornecer. E neste contexto podemos compreender o essencial da crítica nietzschiana ao mundo da fé: imagina-se, no contexto cristão, um mundo muito melhor do que aqui. Moldamos atitudes, valores e caráter pensando em uma realidade que idealizamos e sonhamos, mas que nunca vimos ou tivemos qualquer tipo de contato. É necessário que exista realmente um Deus ao lado de um cordeiro que se sacrifica em seu lugar, se a crença na existência desses seres é suficiente para produzir os mesmos efeitos?

Se o sacerdote é a encarnação social e histórica da necessidade de salvação e se a análise genealógica denuncia sua perversidade, ainda é necessário entender como essa necessidade de salvação foi capaz de inventar, organizar e estruturar a religião ou a vontade de crer, institucionalizando o cristianismo. Como dito anteriormente, seria errado concluir que, aos olhos de Nietzsche, Jesus ocupa um lugar em continuidade com o cristianismo histórico. Para o filósofo, Jesus de Nazaré está situado de forma descontínua a tudo o que é reivindicado em seu nome: teria negado tudo o que hoje se chama cristão. Certos fragmentos não indicam só uma diferença entre Jesus de Nazaré e o cristianismo histórico, nem só uma contradição, mas uma insurreição da Igreja contra Jesus, que se trata de outra raiz. Por certo, o cristianismo de Jesus não tem nada a ver com os dogmas que mancharam seu nome. Não precisa da doutrina de um Deus pessoal, nem do pecado, nem da imortalidade, nem da salvação e nem da fé (VALADIER, 1974: 417). Destarte, Jesus de Nazaré não queria fundar uma nova moralidade, filosofia ou mesmo uma religião. No entanto, toda a tradição ocidental conta com ele entre os fundadores de uma religião que deixou sua marca por dois milênios. A crítica nietzschiana aponta que buscar um mundo paradisíaco, onde existe um “descanso eterno”, afirma a incapacidade do ser humano de reconhecer, admitir e viver a riqueza formidável da realidade. Nietzsche realmente se impressiona diante do quanto o cristianismo continuava sendo acreditado e ainda sobrevivia. Mesmo com a fé em Deus sendo “derrubada”, o cristianismo ainda parecia necessário. O filósofo aponta que isso se deve ao fato de o homem ser cheio de falhas ocultas, e neste caso o cristianismo aparece como uma salvação, sendo um remédio que extrai rapidamente essas coisas ruins; por outro lado, se torna extremamente prejudicial, atraente e sedutor.

Nietzsche reconhece que o cristianismo quis libertar os homens do peso das exigências morais apresentando um caminho mais curto para a perfeição, não se referindo a um caminho “real” para a verdade – que se daria na aceitação das coisas imperfeitas do mundo. Em síntese, a marca deixada pelo cristianismo se torna a ausência de um ideal: o preço a pagar pela humanidade ter permanecido cristã por dois mil anos é a perda do centro que a permitiu viver. O filósofo argumentava que a tradição religiosa e metafísica que sustentava a moralidade e a busca por um sentido na vida estava se desintegrando com o declínio da crença na existência de valores absolutos e objetivos, deixando um vazio existencial e uma sensação de falta de significado. O niilismo seria, para Nietzsche,

um estágio necessário no caminho para uma nova forma de avaliação de valores³. De repente, o declínio é instalado e a humanidade não sabe mais onde se apegar. O pensamento nietzschiano se situa justamente na oposição aos princípios em favor da existência de um outro mundo, contra a imersão em crenças banais, contra à superficialidade e o medo que se atribui ao lado corporal em virtude de uma “alma-eterna”.

8. AFIRMAÇÃO DA EXISTÊNCIA E CRIAÇÃO DE NOVOS VALORES

A afirmação da existência no contexto nietzschiano se dá com a superação da morte de Deus. Nietzsche aponta que em algum momento, na parte final do século XVIII, o homem se consolidou como suficiente e passou a ser o centro das atenções, onde a figura divina perde a posição de soberania do universo. O assassinato de Deus não foi feito por apenas um indivíduo, mas por um imenso grupo, sem que própria a tradição ocidental percebesse. Nietzsche observa que o maior acontecimento dos últimos tempos – que Deus está morto – lançou sombras sobre a Europa. O declínio da fé em uma figura divina proporciona a oportunidade para que o potencial criativo humano floresça em sua totalidade. A divindade cristã já não representa um obstáculo, e o foco da humanidade não está mais direcionado a um reino sobrenatural fictício. Portanto, ao afirmar que Deus está morto, o filósofo está denunciando o fim de uma forma de pensar, o fim da convicção de que o além é superior ao aqui e agora. Nietzsche definitivamente não se referia à forma física de Deus, mas ao fim da fé pela sociedade ocidental. No entanto, diante da perda de uma crença e da necessidade de novos valores, o super-homem aparece para competir

³ O niilismo passivo é caracterizado pelo desespero, pela resignação e pelo afastamento do mundo. É uma negação da vida e uma busca por refúgio em ideais transcendentais ou em uma fuga para outros mundos, como o ideal cristão de uma vida eterna. Já o niilismo ativo era uma forma de superação do niilismo passivo. Ele encorajava uma atitude afirmativa em relação ao niilismo, vendo-o como uma oportunidade para criar novos valores e significados. Ao rejeitar os valores tradicionais baseados em ilusões metafísicas, Nietzsche buscava uma reavaliação radical dos valores e uma afirmação da vida terrena.

com a tombada figura de Deus e visa proporcionar um ideal baseado na exaltação da vontade de potência.

Nietzsche argumentava que os valores tradicionais ocidentais haviam perdido sua validade e significado na modernidade, já que eram baseados em ilusões e falsas suposições sobre a natureza humana. A moralidade teria tomado uma forma de repressão que negava a afirmação da vida e restringia a livre expressão do indivíduo. Dessa forma, a criação de novos valores envolve um processo de transvaloração, em que os valores tradicionais são reavaliados e substituídos por outros mais adequados à condição humana. O filósofo buscava superar os valores morais estabelecidos e abrir caminho para a emergência de uma nova perspectiva ética baseada na vontade de potência, que não se refere apenas a uma busca de dominação ou poder sobre os outros, mas à expressão de uma força vital de um indivíduo e sua capacidade de afirmar sua existência plenamente. Por certo, Nietzsche acreditava que criar novos valores implica em abraçar a vida de forma afirmativa, celebrando a diversidade humana e buscando uma forma de existência que vá além das limitações impostas pelos valores morais tradicionais. Nesse sentido, a criação de novos valores abarca um processo individual e subjetivo, já que cada indivíduo deve ser capaz de modelar seus próprios valores com base em sua própria experiência, intuição e vontade de potência, caracterizando a busca pela profunda autorreflexão, questionamento dos valores estabelecidos e coragem de abraçar uma existência autêntica e afirmativa.

Esta é uma das consequências mais importantes da morte de Deus: devolver o homem à sua real existência, se reafirmando no centro e ganhando a liberdade de interpretações alheias do universo. (VALADIER, 1974: 507)

9. CONCLUSÃO

Mais fácil e acomodador, sem dúvida, é dizer que faltou ao pensador sagacidade para arregimentar os segmentos que havia planejado ou dar à obra a inteireza dos sistemas linearmente alicerçados, nos quais os eventuais "desvios" são tolerantemente absorvidos pela totalidade reguladora. Mas isso já pressupõe uma concepção da escrita filosófica que Nietzsche, por certo, não esboça e quer se perceba nitidamente ou não, os argumentos oferecidos em O

Anticristo foram suficientes para que ele próprio desse por encerrado o seu projeto tetralógico. (BARROS, 2002: 160)

Sem dúvida, a crítica nietzschiana sobre o antropocentrismo do cristianismo em alguns momentos da história, obcecando os homens com seus problemas ao invés vez de colocá-los no ato de dominá-los, parece coerente. Neste ponto, a crítica é válida, mas levamos em consideração que estes momentos isolados não comprometeram a religião de maneira integral, já que esta manifestou e ainda manifesta um poder positivo singular de transformação e renovação na vida daqueles que a partilham. De fato, o cristianismo traz alento através do relacionamento com Deus, já que muitos cristãos encontram significado, propósito e esperança na crença em um Deus amoroso e na busca de uma conexão espiritual com o divino. Através da oração, adoração e estudo da própria Bíblia, é encontrado um sentido de pertencimento e direção, assim como os ensinamentos morais e éticos, que são oferecidos pelo cristianismo aos seus seguidores como caminho e alimento em suas vidas diárias: são os ensinamentos de Jesus, como amar ao próximo, tratar os outros seres com compaixão e viver com integridade, que podem ser uma base para a tomada de decisões éticas e a busca por um estilo de vida virtuoso e de compaixão.

Além disso, a comunidade cristã oferece um senso de pertencimento e apoio. As igrejas e grupos religiosos cristãos podem ser locais onde as pessoas encontram amigos, apoio emocional, oportunidades de serviço e uma rede de suporte durante momentos de dificuldade em suas vidas pessoais. O senso de comunidade e a conexão com outros seguidores de Jesus podem ser fontes de encorajamento e crescimento espiritual. Ainda mais, o cristianismo oferece uma mensagem de esperança e consolo em face dos desafios da vida, tendo em vista que a crença na vida eterna, na ressurreição, no amor e na graça de Deus pode fornecer conforto e coragem diante da adversidade, tristeza e incertezas que a vida proporciona. A fé cristã, assim, pode trazer uma sensação de paz e segurança interior.

Decerto, muitas pessoas encontram no cristianismo uma oportunidade de crescimento pessoal e transformação. A crença na possibilidade de redenção e perdão de pecados pode levar a uma busca por uma vida de maior bondade, compaixão e autodisciplina. Através da prática espiritual, reflexão e aprendizado contínuo, os cristãos podem se esforçar para se tornarem pessoas melhores e ainda mais alinhadas com os ensinamentos de Jesus. Ademais, ao pensarmos no cristianismo, também pensamos no grande enfoque na ação moral e ética do ser humano, no incentivo à caridade, ao

abandono de vícios nocivos, ao sentimento de que a vida possui um sentido e na crítica à ganância e ao próprio poder político ou econômico em demasia nas mãos de uma parcela pequena de pessoas. O cristianismo em sua versão mais simples possui como valores o que é situado no respeito e no amor aos seres humanos, sem distinção de cor, crenças religiosas, sexualidade ou qualquer diferença que exista. Assim, é inegável que o cristianismo ajuda na doença, traz alento e conforta todos aqueles que partilham sua comunhão. Entretanto, a doutrina cristã possui um preço psicológico, mental e físico, assim como o ônus e bônus de qualquer escolha humana no mundo material.

Primordialmente, os preços do cristianismo podem variar de acordo com a interpretação da fé e a experiência individual. No entanto, de maneira psicológica, algumas pessoas podem experimentar uma sensação constante de culpa e auto repreensão devido à ênfase na noção de pecado e arrependimento no cristianismo; isso pode levar a um sentimento de inadequação e autocrítica constante. A crença no julgamento divino também pode gerar ansiedade e medo em relação ao destino após a morte e à possibilidade de punição divina, levando a um estado de angústia mental constante. Essa condição leva alguns indivíduos a enfrentar um conflito interno entre sua fé cristã e suas dúvidas ou questionamentos, resultando em um estado de tensão mental, onde a pessoa luta para conciliar suas crenças com suas experiências e raciocínio pessoal.

Em alguns contextos religiosos, pode haver a pressão social para se conformar com as expectativas e normas da comunidade de fé, trazendo uma supressão da individualidade e uma dificuldade em expressar livremente opiniões e crenças pessoais. Em relação à preocupação em alcançar a salvação e seguir as doutrinas religiosas corretamente, é possível o desenvolvimento de ansiedade e estresses significativos no sujeito, especialmente se houver uma percepção de não estar cumprindo adequadamente as expectativas religiosas. Analogamente, o cristianismo apresenta um conjunto de valores e princípios morais, o que pode gerar dilemas e conflitos internos quando uma pessoa se depara com situações que desafiam essas normas. Esses conflitos podem causar angústia emocional e incerteza moral.

Em segundo lugar, os preços mentais do cristianismo podem ser entendidos como os desafios cognitivos ou impactos na saúde mental que algumas pessoas podem experimentar devido à sua fé ou à prática do cristianismo. Dentre eles, a interpretação religiosa cristã pode promover uma visão de mundo rígida e inflexível, limitando a abertura para novas ideias, perspectivas e a capacidade de questionar, reavaliar ou

autorrefletir crenças. E caso isso aconteça, algumas pessoas podem enfrentar um conflito entre sua fé religiosa e sua capacidade de pensar criticamente ou racionalmente, criando tensões mentais e dificuldade em reconciliar diferentes aspectos de suas vidas. Inegavelmente, para algumas pessoas a prática do cristianismo pode levantar dúvidas e questionamentos sobre sua fé ou interpretações bíblicas; lidar com essas incertezas pode causar angústia e desafios mentais e filosóficos significativos.

Além disso, em alguns contextos cristãos, pode haver uma pressão para suprimir ou negar certas emoções e pensamentos considerados “não cristãos” ou pecaminosos, levando à repressão emocional e à dificuldade de lidar com a própria identidade e experiências internas. Com isso, algumas pessoas podem sentir culpa ou autocensura por terem pensamentos ou desejos considerados “impróprios” ou contrários às normas cristãs, estimulando um estado de ansiedade mental constante e necessidade de controlar incessantemente seus pensamentos e comportamentos. Ainda mais, o cristianismo pode levantar questões sobre a identidade pessoal e o propósito de vida, fazendo com que algumas pessoas enfrentem desafios mentais ao tentar encontrar um equilíbrio entre suas próprias aspirações sexuais, desejos e princípios religiosos.

Por fim, o cristianismo, como uma religião, não tem a intenção de causar danos físicos às pessoas. No entanto, a prática e a devoção religiosa podem ter certos efeitos físicos em determinadas situações ou contextos. Algumas formas de devoção cristã podem incluir períodos de jejum ou abstinência de alimentos ou prazeres físicos, ocasionando em incômodos corpóreos como fome, fraqueza ou desconforto digestivo. Por outro lado, em algumas tradições cristãs, como o cristianismo ortodoxo, existem rituais que envolvem esforço físico significativo, como longas caminhadas em peregrinações, prostrações repetidas ou atos de penitência física; práticas que levam à fadiga, dores musculares e desconforto físico. Nesse sentido, o envolvimento nestas atividades religiosas intensas ou em cerimônias prolongadas, retiros espirituais e eventos religiosos vigorosos, podem resultar em estresse emocional e físico, causando diversas manifestações corpóreas relacionadas ao estresse – muito longe e em oposição ao objetivo estimado. Ademais, algumas interpretações do cristianismo podem levar a restrições no estilo de vida, como impedir certas atividades físicas, consumo de bebidas alcoólicas ou comportamentos considerados pecaminosos.

Em síntese, imitar a figura de Jesus de Nazaré pode ser considerado valioso por várias razões compartilhadas por cristãos e até mesmo pessoas de outras tradições

religiosas ou filosóficas – ou até mesmo nenhuma delas –, já que Jesus de Nazaré, segundo Nietzsche, não tinha a intenção declarada de induzir qualquer doutrina. Incontestavelmente, Jesus de Nazaré é amplamente reconhecido por seu amor incondicional e compaixão pelos outros. Ele ensinou a importância de amar ao próximo como a si mesmo e demonstrou isso em suas ações ao acolher os marginalizados, curar os doentes e mostrar misericórdia aos pecadores, defendendo a justiça social e a igualdade, desafiando as estruturas opressivas de sua época. Ele demonstrou preocupação pelos menos favorecidos e pelos excluídos, ensinando a importância de tratar todos com respeito e dignidade, logo, reproduzir essa qualidade de amor e compaixão promove relações mais saudáveis e construtivas com os outros seres humanos e contribui para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva através da isonomia e da paridade.

Indubitavelmente, Jesus de Nazaré foi conhecido por sua honestidade e integridade, ensinando a importância de falar a verdade, agir com dignidade e viver de acordo com os valores e princípios mais elevados. Além disso, ensinou o perdão e a reconciliação, destacando a importância de liberar a raiva e o ressentimento – sentimentos autodestrutivos –, buscando a cura e a restauração dos relacionamentos. Reproduzir essa disposição ao perdão pode levar à cura emocional, ao fortalecimento dos relacionamentos e à construção de comunidades mais harmoniosas, com a formação de um caráter sólido e de uma composição de confiança nos relacionamentos com base na honestidade e na integridade.

Decerto, Jesus de Nazaré era profundamente espiritual e ensinou a todos sobre a busca de um relacionamento com Deus, incentivando seus seguidores a cultivar uma vida de oração, meditação e conexão espiritual sem intermediários. Essa busca de transcendência pode levar o ser humano a um senso mais profundo de propósito ou significado na vida. Em suma, reconheço que vale a pena reproduzir a figura de Jesus de Nazaré porque é honroso e porque cada pessoa pode encontrar sua própria motivação e inspiração para seguir os ensinamentos e exemplos deixados, independentemente de suas crenças religiosas ou filosóficas específicas.

REFERÊNCIAS

- ARALDI, Clademir Luís. **Cartas de 1888**. Clademir Luís Araldi. Curitiba: CRV, 2021.
- BARROS, Fernando de Moraes. **A Maldição Transvalorada: O problema da civilização em O Anticristo de Nietzsche**. São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2002.
- ESTRADA, Juan A. **Da crítica religiosa à denúncia do humanismo, in Deus nas Tradições Filosóficas - Vol. 2: Da morte de Deus à crise do sujeito**. São Paulo: Paulus, 2003.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Obras Incompletas. Coleção "Os Pensadores"**. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- _____. **O anticristo**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2003.
- _____. **Genealogia da moral: uma polêmica**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- VALADIER, Paul. **Nietzsche et la critique du christianisme**. Paris: Éditions du Cerf, 1974.
- WESTPHAL, Merold. **Nietzsche and the critique of Religion as resentment, in Suspicion & Faith – the religious uses of modern atheism**. New York: Fordham University Press, 1998.